

## **Comunidade Restante de Quilombos Boa Nova del Profesor Jamil, GO: perspectivas sobre formação omnilateral, educação no formal y empoderamiento**

**Elias Paes de Araújo**

eliaspaesdy@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1829-3994>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano)  
Ceres, Brasil.

**Wolney Rodrigues Ferreira**

wolney.profept@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2045-7940>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano)  
Ceres, Brasil.

**Marco Antônio de Carvalho**

marco.carvalho@ifgoiano.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5127-5886>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano)  
Posse, Brasil.

**Recebido:** 12/03/2022 **Aceito:** 01/07/2022

### **Resumen**

En este trabajo presentamos cómo una comunidad negra ha buscado su propio empoderamiento a través del auto-reconocimiento como Comunidad Remanente Quilombola y la formalización de una Asociación Quilombola, institución jurídica que ejerce el poder formativo sobre sus miembros y socialmente potencia y legitima acciones encaminadas a la transformación de la realidad misma. Inicialmente, se realizó una búsqueda bibliográfica sobre los temas investigados. En el trabajo de campo, los datos fueron construidos en la Comunidad Quilombola Boa Nova del Profesor Jamil, Goiás. El instrumento utilizado fue la entrevista semiestructurada, con 7 participantes, las cuales fueron grabadas en audio y posteriormente transcritas por los investigadores. Los análisis se realizaron a través del marco teórico del Análisis Textual Discursivo (ATD). Los resultados indican que la organización comunitaria, como Comunidad Remanente de Quilombos y Asociación Quilombola, reconocidos como espacios no formales de educación, ha contribuido a la formación y empoderamiento omnilateral del grupo.

**Palabras clave:** Comunidad Quilombo restante. Formación omnilateral. Educación no formal. empoderamiento.

## **Comunidade Remanescente de Quilombos Boa Nova de Professor Jamil, GO: olhares sobre formação omnilateral, educação não formal e empoderamento**

### **Resumo**

Neste trabalho apresentamos como uma comunidade negra tem buscado o próprio empoderamento por meio do autorreconhecimento como Comunidade Remanescente de Quilombos e da formalização de uma Associação Quilombola, instituição de natureza jurídica que exerce um poder formativo sobre seus membros e potencializa e legitima socialmente ações que objetivam a transformação da própria realidade. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas em investigação. No trabalho de campo,

os dados foram construídos na Comunidade Quilombola Boa Nova de Professor Jamil, Goiás. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, com 7 participantes, as quais foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas pelos pesquisadores. As análises ocorreram através do referencial teórico da Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados indicam que a organização comunitária, enquanto Comunidade Remanescente de Quilombos e Associação Quilombola, sabidamente espaços não formais de educação, tem contribuído para a formação omnilateral e o empoderamento do grupo.

**Palavras-chave:** Comunidade Remanescente de Quilombo. Formação omnilateral. Educação não formal. Empoderamento.

### **Remaining Community of Quilombos Boa Nova de Professor Jamil, GO: perspectives on omnilateral training, non-formal education and empowerment**

#### **Abstract**

In this work we present how a black community has sought its own empowerment through self-recognition as a Quilombo Remnant Community and the formalization of a Quilombola Association, a legal institution that exercises formative power over its members and socially enhances and legitimizes actions aimed at transformation of reality itself. Initially, a bibliographic research was carried out on the topics under investigation. In the field work, the data were constructed in the Quilombola Boa Nova Community of Professor Jamil, Goiás. The instrument used was the semi-structured interview, with 7 participants, which were audio recorded and later transcribed by the researchers. The analyzes took place through the theoretical framework of Discursive Textual Analysis (DTA). The results indicate that the community organization, as a Remnant Community of Quilombos and Quilombola Association, known to be non-formal spaces of education, has contributed to the omnilateral formation and empowerment of the group.

**Keywords:** Remaining Quilombo Community. Omnilateral formation. Non-formal education. empowerment.

#### **Introdução**

A população negra sofreu de maneira explícita e legalizada os horrores da segregação, com a exploração e a violência decorrentes dela, durante o longo período em que foi mão de obra escrava no território brasileiro. A promulgação da Lei Áurea em 1888 não elevou os antigos escravos à condição de cidadãos, ao invés disso, a liberdade foi alcançada apenas do ponto de vista formal, mas na prática, faltavam condições efetivas para o gozo dos direitos civis (SILVA, 1998).

Os quilombos foram refúgios construídos por negras e negros, provenientes do continente africano, que vieram, sob grilhões, trabalhar como escravos no Brasil, na época da colonização e expansão da economia açucareira, e posteriormente na mineração do ouro, como uma forma de fugir das imposições do trabalho desumano, das violências físicas e simbólicas que sofriam (PALACIN, 1994; SILVA, 1998). Na história do Brasil o Quilombo

mais famoso foi o de Palmares, chegando a abrigar mais de vinte mil pessoas. Nestes espaços, os negros se protegiam e resgatavam suas culturas (FAUSTO, 2013).

Este artigo investiga a importância contemporânea da organização e do autorreconhecimento de comunidades negras como Comunidades Remanescentes de Quilombos, geridos por uma Associação Quilombola, instituições jurídicas que exercem um poder formativo sobre seus membros, por meio da educação não formal, e contribuem para a luta por direitos e fortalecimento social, neste estudo nomeado como empoderamento. É apresentado o caso da Comunidade Remanescente de Quilombos Boa Nova, de Professor Jamil, Goiás.

## **Referencial Teórico**

### **Comunidades Remanescentes de Quilombos**

A situação dos negros em Goiás tem sua história ligada ao ciclo da mineração do ouro, que os submeteu, como escravizados, a condições de trabalho extenuantes e desumanizantes. Situação que não era aceita tranquilamente, mas para a qual opuseram resistência, sendo a principal delas a fuga e a formação de quilombos. Como quilombolas, as negras e negros goianos procuravam prover sua própria subsistência, mas sempre alijados dos projetos oficiais de socialização, como a Lei de Terras de 1850 que lhes retiravam o direito de possuírem as terras cultivadas por eles próprios. Dessa forma, migravam de fazenda em fazenda, sem possibilidade de fixarem residência (SILVA, 1998).

Ao final do século XIX, os negros e negras, livres e libertos ou libertas, se faziam presentes em áreas urbanas, trabalhando com as mais diversas formas de prestação de serviços, e também no campo, nas áreas rurais, em que a maior parte desta população conseguia manter sua subsistência. Trabalhadoras e trabalhadores, negras e negros, se infiltraram em terras goianas, desenvolvendo cultivos para o próprio consumo. Sendo absorvidos também por grandes fazendas de gado, através de acordo com os fazendeiros, em que cultivavam a terra e dividiam a produção ao meio com o proprietário. Após certo tempo de trabalho, eram expulsos das propriedades, para não criarem vínculos com estas, ou quando os fazendeiros se negavam a cumprir os acordos. Neste regime de trabalho eram chamados de meeiros (SILVA, 1998; CVN/SBB, 2017).

Relatos de pioneiros do Quilombo Boa Nova afirmam que estes encontraram no povoado um lugar em que puderam construir suas moradias, contar com a solidariedade dos

vizinhos e o apoio de uma liderança espiritual/política. No início do século XXI, começaram a se perceber como uma Comunidade Remanescente de Quilombos, obtendo reconhecimento oficial junto à Fundação Cultural Palmares em 10 de agosto de 2016 (CVN/SBB, 2017).

As comunidades remanescentes quilombolas fazem parte dos povos tradicionais do Brasil. Possuem demandas e experienciam realidades bastante particulares no que diz respeito à sua relação com a educação. Buscam uma formação que agrega a totalidade de suas relações sociais, estabelecidas no lugar de produção de suas vidas e identidades.

É nesse sentido que se insere o estudo histórico de sua constituição, valorização da sua cultura, reconhecimento de suas belezas, compreensão do próprio protagonismo frente a desafios e conquistas. Esta formação não ocorre apenas em contextos formais de educação, mas sobretudo nos ambientes não formais. Do ponto de vista psicológico, social e individual esta formação, que é também uma construção de identidade, pode promover o empoderamento.

O Decreto 4887/03 de 2003, da Presidência da República, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. No artigo 20, o Decreto aborda quais grupos são considerados remanescentes de quilombos:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

A caracterização dos remanescentes das comunidades quilombolas é de responsabilidade do Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, como se lê no Artigo 50 deste mesmo Decreto:

Compete ao Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA nas ações de regularização fundiária, para garantir a preservação da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como para subsidiar os trabalhos técnicos quando houver contestação ao procedimento de identificação e reconhecimento previsto neste Decreto (BRASIL, 2003).

Portanto, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas está prevista em nossa legislação, competindo ao Ministério da Cultura, através da Fundação Cultural Palmares,

acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA na regularização de seus aspectos legais.

Ao lado dos aspectos legais relacionados ao reconhecimento como remanescentes de quilombos, essas comunidades constituem para seus membros verdadeiros espaços de formação humana permanente, podendo ser compreendida como omnilateral.

### **Formação omnilateral**

A formação omnilateral diz respeito ao modo como os seres humanos se constituem ontologicamente a partir das relações que são estabelecidas com a sociedade e com a natureza (MARX, 1983; LUKÁCS, 2012). Ela é oposta à formação unilateral decorrente do trabalho alienado e pela divisão social do trabalho, paradigma presente na sociedade capitalista (PEREIRA; LIMA, 2009).

Saviani (2007) enfoca que os seres humanos são sempre situados historicamente, não podendo ser compreendidos fora deste pressuposto. As principais dimensões históricas que se fazem presentes são o trabalho e a educação. Através da primeira, o homem se diferencia dos animais ao produzir seus meios de vida, não se adaptando à natureza, mas adaptando a natureza a si. E produzir os próprios meios de vida é que pode ser chamado de trabalho. Por meio da segunda, ocorrem as apropriações relacionadas às condições presentes no contexto social de uma dada realidade.

Um aspecto fundamental nessa discussão é compreender que ela abrange todo o desenvolvimento cultural humano. Ao nascer, o bebê humano já é inserido em um contexto intersubjetivo que o precede. Nos primeiros anos, este recém-nascido será como uma esponja, que absorverá, espontaneamente e por intermediação voluntária e involuntária dos cuidadores, todo o mundo cultural a sua volta (SOUZA, 2021).

Essa introjeção se dá principalmente por identificação afetiva com os cuidadores, principalmente os pais, ou alguém que ocupe essa função. A criança internaliza e reproduz aspectos presentes no dia a dia de seu convívio familiar. O modo de andar, o sotaque, as expressões, os costumes, hobbies, e inúmeras outras coisas (SOUZA, 2021).

Em uma sociedade de classes, como a nossa, esta compreensão é imprescindível. Uma vez que haverá uma tendência hegemônica que pressiona a perpetuação de modelos: pessoas das classes exploradas para continuarem sendo exploradas e pessoas das classes dominantes, para manterem poder e privilégios. Um desses fatores é a educação unilateral. Que em sua vertente de classe dominante transmite a lógica da exploração da natureza e do trabalho; e em sua vertente de classe dominada, não consegue ser emancipadora,

aprisionando a grande massa dos trabalhadores à continuada opressão (ENGUIITA, 1989; SAVIANI, 2007).

Por outro lado, o conceito marxiano de formação omnilateral busca uma formação humana integral, que se esforça por compreender a totalidade das relações sociais que são estabelecidas no lugar de produção da vida, favorecendo a construção de consciência de classe. Podendo contribuir, dessa forma, para melhor posicionamento político dos envolvidos e intervenções mais efetivas no sentido de libertação das opressões (NOSELLA, 2007).

Este é um ponto especialmente importante no contexto brasileiro das Comunidades Remanescentes de Quilombos, uma vez que a conquista e resistência da especificidade do seu lugar social demanda consciência crítica, sempre alimentada por processos de formação para a cidadania de forma integral, ou seja, omnilateral. É nesse sentido que se insere a formação acadêmica, estudo histórico de sua constituição, valorização da sua cultura, reconhecimento de suas belezas, compreensão do próprio protagonismo frente a desafios e conquistas.

Esta formação não ocorre apenas em contextos formais de educação, mas sobretudo nos ambientes não formais, dos quais as Comunidades Remanescentes de Quilombos se apresentam como representantes.

### **Educação não formal**

No Brasil a Educação Não-Formal tem sido associada por seus autores à formação de sujeitos livres, emancipados, portadores de direitos e deveres e amparados por uma leitura de mundo crítica e libertadora.

Gohn (2014) conceitua a educação não formal como:

Aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Articulada com a educação cidadã, a educação não-formal volta-se para a formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s) (GOHN, 2014, p. 35).

Destaca-se dessa citação o caráter da educação não formal através de ações coletivas, comunitárias. O principal objetivo não é promover avaliações formais ou conferir títulos, mas oportunizar uma leitura de mundo crítica e libertadora. Outro ponto importante é a valorização da própria cultura e construção da subjetividade identitária do grupo e dos indivíduos que o compõem.

Gohn (2013) compreende que a educação pode ser vista a partir de três campos: formal, informal e não formal. O formal corresponde à educação escolar, que compreende espaço, atores, conteúdos, currículos, temporalidade, certificações, entre outros elementos. O informal diz respeito ao processo de socialização dos indivíduos, o que é aprendido no contexto familiar, com os amigos, vizinhos, colegas de escola, meios de comunicação de massa, em que um mundo visto como naturalizado é internalizado e reproduzido. O campo não formal corresponde aos espaços em que o processo educativo desperta o olhar do sujeito para a compreensão crítica da realidade social na qual está inserido, através das vivências mediadas por princípios como igualdade e justiça social. Tem como objetivo a formação da cidadania, em que se enfatiza a formação política do sujeito.

A educação não formal favorece a construção da identidade coletiva de um grupo, ao trabalhar de forma intencional para ampliar e consolidar seu “acervo sociocultural e político”. Estes recursos são fundamentais para que os grupos se esclareçam acerca dos conflitos de interesses e poder presentes em elementos que anteriormente eram naturalizados e ignorados, da singularidade de suas características, do lugar em que se posicionam socialmente, quais objetivos a serem alcançados e quais as práticas a serem evitadas. Os sujeitos e grupos assim formados, ao desvelarem as estruturas que sustentam as estruturas de injustiça social, se engajam coletivamente para transformá-las (OLIVEIRA; DIAS, 2017).

Este quadro aponta a Educação Não-Formal como um importante instrumento de emancipação humana. Do ponto de vista filosófico estão presentes o elemento racional da emancipação, com a vertente do esclarecimento e autonomia intelectual, como defendido por Kant; De transformação de estruturas sociais, como na emancipação defendida por Marx; Como crítica da sociedade industrial, razão instrumental e alienação no trabalho, na leitura de Adorno; E da humanização do oprimido, que ao problematizar e perceber o mundo de forma crítica, luta coletivamente para a superação de seus condicionamentos históricos, como defende Paulo Freire (AMBROSINI, 2012).

Gohn (2006) aponta que a educação não formal está ligada: à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; à capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; à aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor e à educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica.

Segundo Gohn (2006) a Educação não formal e Educação Informal são conceitos diferentes. A Educação Informal se refere ao aprendizado que ocorre durante o processo de socialização, com a família, bairro, clube, amigos etc. É um processo espontâneo. A educação não formal é intencional.

Gohn (2006) aponta que Educação Não-Formal o educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Esta relação dá a dimensão da horizontalidade e democratização das relações. Embora haja lideranças nos espaços não-formais, a construção coletiva possui especial relevância. A educação ocorre nos territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais.

Uma pontuação relevante de se fazer é que a Educação Não Formal não visa substituir a Educação Formal. Muito pelo contrário. À medida que os Espaços Não Formais avançam como propiciadores da formação de consciência e sujeitos emancipados, mais estes sujeitos se posicionam na defesa dos direitos e na luta por trabalhos dignos e educação (formal e não formal) pública, gratuita e de qualidade.

A Educação Não-Formal colabora para o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006).

### **O empoderamento social**

O termo “empoderamento” é considerado um neologismo, ou seja, uma palavra criada recentemente, neste caso, derivada de outra já existente. No Brasil, é a tradução da palavra inglesa *empowerment*, derivada de *power*. Assume diversos significados, por vezes ambíguos e até antagônicos, dependendo do contexto em que é utilizada. Narayan (2002) aponta que comumente são associadas ao termo as ideias de força pessoal, controle, poder pessoal, escolha própria, vida digna de acordo com os próprios valores da pessoa, capacidade de lutar pelos próprios direitos, independência, tomar suas próprias decisões, ser livre, despertar e capacidade.

No âmbito da academia o termo está presente em diferentes áreas do conhecimento, como educação, sociologia, ciência política, saúde pública, psicologia comunitária, serviço social, administração, entre outras. Comumente está associado com projetos que visam melhorar a qualidade de vida e garantir direitos civis, sociais, políticos e humanos junto a

setores sociais marginalizados e minorizados, como reivindicam o movimento dos negros, das mulheres, dos pobres, LGBTQIA+ e das pessoas com deficiência (NARAYAN, 2002).

Empoderamento pode ser compreendido ainda como um processo através do qual se propicia a conscientização e apropriação, por parte dos setores pobres e marginalizados da sociedade, do que sejam os direitos e deveres individuais e coletivos, que são o direito à vida, à liberdade, à igualdade e a segurança, conforme expressos no Artigo 5º da Constituição Federal. Busca-se promover e consolidar o acesso à renda, educação e saúde, bem como a realização plena de direitos individuais. O que contribuiria para a superação da dependência social e da dominação política. Portanto, apresenta o empoderamento como um processo formativo complexo, com implicações de transformações subjetivas profundas. Tal objetivo só pode ser alcançado enquanto um projeto formativo de grande abrangência – social, temporal, material e intelectual (BAQUERO, 2012).

Por se tratar de uma categoria acerca da qual são apresentados diferentes entendimentos na literatura, Baquero (2012) propõe uma reflexão sobre as origens do termo e das lógicas subjacentes a estas.

Destaca que apesar do termo *empowerment* ter se tornado popular a partir de movimentos emancipatórios relacionados ao exercício da cidadania, na segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, ele possui suas raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero, no século XVI. Este questiona a interpretação católica e tradicional da bíblia, tece críticas à Igreja Católica e à autoridade do Papa, rompendo com ambos. Traduz a bíblia do latim para o alemão. Fato que, considerado em conjunto com a invenção da imprensa por Gutemberg, propiciou um efeito multiplicador para o texto bíblico, criou condições para que mais pessoas pudessem realizar sua leitura e interpretação, superando a necessidade da interpretação de outrem. Conferiu autonomia para que aquele grupo de fiéis, ligados inicialmente a Lutero, pudessem se tornar sujeitos de sua própria fé (BAQUERO, 2012).

Sobre o uso contemporâneo do termo, Baquero (2012) afirma que este

[...] se expressa nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da ‘ação social’, presentes nas sociedades dos países desenvolvidos, na segunda metade do século XX. Nos anos 70, esse conceito é influenciado pelos movimentos de autoajuda, e, nos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 1990, recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária (BAQUERO, 2012, p. 176).

Gohn (2004) aponta que a categoria *empowerment*, ou empoderamento, conforme é traduzido no Brasil, não possui caráter universal e pode referir-se a práticas ambíguas. Por um lado, pode estar ligada a processos que visam promover e impulsionar grupos e

comunidades para o “crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social)” (GOHN, 2002, p. 73), e por outro indicar apenas ações sociais assistenciais, não contribuindo para a organização política do grupo.

## **Metodologia**

O presente estudo é um fragmento da pesquisa de conclusão de curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal Goiano, Campus Ceres, da qual o primeiro e o segundo autor são discentes e o terceiro autor docente. O método que norteou a pesquisa foi a etnografia, tendo como forma de abordar o dado a perspectiva qualitativa. Uriarte (2012), afirma que o método etnográfico destaca a importância de conviver e ouvir aqueles que pretendemos entender. Pode tomar como objeto de estudo todas as sociedades humanas, buscando pela singularidade e alteridade de cada uma.

O início desta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica sobre as (os) principais autoras (es) que pudessem contribuir para aprofundamentos teóricos sobre as Comunidades Remanescentes de Quilombo, Formação omnilateral e Empoderamento. No entanto, esta forma de pesquisa aconteceu durante todas as etapas da pesquisa, pois é indispensável para a compreensão teórica, metodológica e escuta do tema pesquisado. Ao discuti-la, Gil (2002) aponta que ela é desenvolvida com base em material elaborado previamente, sendo constituída principalmente por livros, monografias, dissertações, teses e artigos científicos.

O instrumento de coleta de dados em campo consistiu em um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo 15 questões. Estas questionaram os participantes sobre os seguintes temas: sua trajetória junto à comunidade; sua apreensão sobre a função social do quilombo; sobre as principais ações da Associação quilombola; e sobre eventos realizados pela Comunidade Quilombola Boa Nova.

No contexto da pesquisa em questão, este instrumento foi pertinente, já que a oralidade, o discurso do participante é o principal material de análise. As narrativas orais permitem compartilhar experiências, significados e sentidos. São construções que permitem combinar as partes num todo. Foram contatadas 12 pessoas, sendo que apenas 7 pessoas concordaram em participar. Com cada uma das pessoas que deram o seu aceite, foi agendado uma data, horário e local para a realização da entrevista.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Nova e tiveram duração média de 47 minutos cada. Ocorreram entre os meses de julho, agosto e setembro de 2021. Foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

A Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Nova, está situada no município de Professor Jamil - GO. Este quilombo começou a se formar a partir da década de 1950, em função da presença do Médium Alírio Elizeu Teixeira, que realizava cirurgias espirituais. O Centro Espírita Kardecista conduzido por ele foi um atrativo para que outras pessoas fixassem residência no local. Pela importância histórica e política, Alírio é considerado um dos patriarcas do quilombo. Atualmente o quilombo conta com um total de 140 habitantes, sendo 80 adultos, 40 jovens e 20 crianças (CVN/ SBB, 2017). No entanto, segundo informações da Secretaria de Saúde de Professor Jamil, por ocasião da vacinação dos quilombolas como grupo prioritário no Plano Nacional de Imunização contra a Covid-19, 590 pessoas se autodeclararam quilombolas. O perfil socioeconômico dos quilombolas apresenta em sua maioria pessoas com baixa renda e dependentes dos programas sociais para a manutenção da própria subsistência. O Quilombo Boa Nova já tem a certificação de Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares (CVN/SBB, 2017).

Os participantes serão agora apresentados através dos dados sociodemográficos de sexo, idade e escolaridade. Bem como uma breve descrição de suas trajetórias junto à Comunidade Boa Nova. Os nomes são fictícios.

Amara, sexo feminino, 58 anos, Ensino Superior Completo. Trajetória: Amara descende de uma família negra, pioneira do Setor Boa Nova. Teve ancestrais que foram escravizados. Alguns migraram para a região no início do século XX, em busca de um lugar para morar, trabalhar e prover a própria subsistência. Se escolarizou após adulta, cursando até o nível acadêmico de graduação. Durante este período, frequentou movimentos negros e conheceu outras comunidades quilombolas, apropriando-se do universo cultural a elas relacionado, de seus desafios, lutas e objetivos. Conscientizou-se que seu próprio bairro atendia os critérios para ser reconhecido como uma Comunidade Remanescente de Quilombos. A partir de então, engajou-se no processo de articulação, formalização, reconhecimento oficial e fortalecimento da Associação Quilombola Boa Nova (AQBN).

Bomani, sexo masculino, 64 anos, Ensino Superior Completo. Trajetória: É descendente de uma família pioneira do Setor Boa Nova, lugar em que viveu desde os 5 anos de idade. Apresentou-se como inconformado com a existência do preconceito racial e da

desigualdade que lhe é consequente. Buscou lidar com estas questões por meio da educação, da política e da poesia.

Dandara, sexo feminino; 20 anos; Ensino Superior Incompleto. Trajetória: Sua família mora no Setor Boa Nova por mais de 40 anos. Sua mãe e sua tia participam ativamente da AQBN desde seu processo de fundação. Dandara frequenta as atividades promovidas por esta desde os sete anos de idade, época em que participou do Primeiro Desfile da Beleza Negra. cursou o Ensino Médio em uma instituição federal através da política de cotas.

Kieza, sexo feminino, 60 anos, Ensino Superior Completo. Trajetória: É filha de pai quilombola e mãe branca. É conhecida por estar ligada à área da educação e como liderança religiosa. Integrou o grupo inicial que se mobilizou para que a Comunidade Boa Nova fosse reconhecida como remanescente de quilombos. Afirmou que demorou a reconhecer e a lidar com o racismo que foi impregnado em si mesma, desde sua infância.

Luena, sexo feminino, 38 anos, Ensino Superior Completo. Trajetória: Sua família é pioneira no município de Professor Jamil. É filha de mãe negra e pai branco. É atuante junto à Comunidade Boa Nova, trabalhando sobretudo pela defesa das memórias, da história, das identidades, instituições e territorialidades quilombolas. Afirmou que por ter a pele pouco retinta, se reconheceu como negra após a maturidade.

Shaira, sexo feminino, 49 anos, Ensino Médio Completo. Trajetória: É integrante de uma família tradicional quilombola. Destaca-se como representante da tradição local ligada à religiosidade e à oralidade, conhecida por oferecer orações e conselhos a conhecidos, amigos e familiares que a procuram. Participante assídua dos compromissos da AQBN, para a qual contribui com dedicação e esforço.

Zuri, sexo feminino, 24 anos, Ensino Superior Incompleto. Trajetória: A família materna e paterna de Zuri são quilombolas e estão entre as primeiras que se associaram. Participou de várias edições do Desfile da Beleza Negra. Afirmou que esse evento foi fundamental para que muitas jovens da comunidade pudessem se valorizar e reconhecer a própria beleza. Cursa graduação em uma universidade pública, por meio da política de cotas.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador. As falas foram transcritas exatamente como foram ditas. Procurou-se também registrar entonações e comportamentos que pudessem ser associados como complementares à construção de sentido do texto.

Os dados obtidos foram analisados pelo método da Análise Textual Discursiva (ATD). Dentro desta perspectiva, o conjunto de textos a serem analisados é denominado

**corpus.** Os textos que compõem o *corpus* de análise considerado nesta pesquisa consistiu da transcrição das 7 entrevistas.

A ATD pode ser compreendida como um processo em quatro passos: 1. desmontagem dos textos; 2. Estabelecimento de relações; 3. Captando o novo emergente; e 4. Um processo auto-organizado. Os três primeiros constituem um ciclo de análise. O último refere-se à possibilidade de uma nova compreensão dos fenômenos analisados (MORAES e GALIAZZI, 2015).

## **Resultados e Discussão**

### **A Educação não formal como prática educativa *omnilateral***

No processo de análise das entrevistas e construção das unidades de significado, 30 unidades (40 % do total) foram correlacionadas ao conceito de Educação não formal. Esta é compreendida como práticas educativas presentes no âmbito da comunidade e são facilitadoras para que seus membros possam: se perceber melhor, olhar para a própria realidade, conhecer sua história, desafios e conflitos estruturais nos quais estão inseridos (GOHN, 2006).

Estes elementos são abordados pela participante Dandara, que avalia a importância do grupo ter se organizado enquanto Associação:

Então quando a gente tem uma associação e faz parte de uma associação, você consegue se perceber melhor, conhecer mais da sua história, da luta do seu povo e de tudo que acontece (DANDARA, 2021).

Neste outro ponto, destaca o quilombo enquanto importante agente educativo. É interessante este paralelo de observar características comuns entre os primeiros quilombos e um quilombo contemporâneo. A participante avalia que este último se preserva como um espaço de refúgio de vida e de liberdade cultural.

Nos primeiros quilombos, quando os negros escravizados fugiam, eles chegavam a um lugar em que podiam ser livres, cantar suas músicas. Assim como hoje, as pessoas chegam e começam a interagir com a gente e aprender coisas novas (DANDARA, 2021).

Neste outro trecho, a participante Shaira discorre sobre os espaços físicos que a Associação usa para realizar suas reuniões. Enumera que estes são uma igreja (utilizada como empréstimo), a casa (e o quintal) da líder da comunidade, uma pequena rua vaga nas proximidades da casa da líder, na casa de pessoas que fazem parte da Associação. Destaca-se que eventos maiores são realizados na Praça da Boa Nova, especialmente os ligados às

comemorações do 20 de novembro. Enfatiza que em um destes, uma de suas filhas foi votada como rainha. Quando a Escola Boa Nova se transformou em escola quilombola, houve uma tendência para que esta sediasse a maior parte das reuniões e eventos.

O espaço quando a gente vai fazer reunião, sempre pede ajuda ao pastor e ele sempre atendeu os pedidos. Às vezes a gente faz entrega de cesta também na igreja. Festa, por exemplo, a gente cozinha na casa da L. e as pessoas se reúnem na igreja do pastor. Já teve rodas de conversa lá perto da igreja, naquela ruinha vaga e também em algumas casas de membros dos quilombolas, inclusive na casa da minha mãe mesmo. Assim vai caminhando de pouco a pouco. Quando é pequena reunião faz lá mesmo, no quintal da casa da L., aí quando é uma reunião maior faz na igreja. As atividades como confecções de boneca, de tapete, quando vai poucas pessoas é feito na casa da L. mesmo, quando vai mais pessoas e lá na igreja. O primeiro concurso da beleza negra, que a minha filha foi a rainha, foi na Praça da Boa Nova. No dia 20 de novembro, já teve vários eventos que foram feitos na praça da Boa Nova. Quando a Escola Boa Nova se transformou em escola quilombola os eventos passou a ser lá (SHAIRA, 2021).

A participante relaciona a realização dos eventos da associação como um meio de trabalhar os preconceitos dentro da própria comunidade quilombola, destacando que a perseverança e insistência da líder tem sido fundamental para estes projetos.

Devido a pandemia, parou de fazer muito evento, mas tinha muitos: Dia da Mulher, Dia das Mães... Aconteciam na praça da Boa Nova, aqui na Escola Boa Nova, antigamente era lá na porta da casa da Luzia. Juntava os que queriam participar, porque as vezes a gente olha esse movimento de pessoas que tem preconceito, mas dentro da própria comunidade tem. A L., ela é um marco, porque ela é guerreira, porque é como eu tô te falando, ela enfrenta desafios dentro da própria comunidade, não é na rua, não. Os desafios dentro da própria comunidade. Se ela fosse uma pessoa fraca, ela já teria desistido (SHAIRA, 2021).

A participante Amara descreve sua impressão ao vislumbrar como a realização do evento denominado “desfile da beleza negra” foi capaz de contagiar quem participou. Tanto das pessoas que desfilaram, quanto as que assistiram.

Um evento muito bom que teve foi o desfile da beleza negra. Eu consegui com uma loja em Goiânia, uma loja chique, roupas para as jovens que iriam desfilarem. Houve um choque imenso, de todos quando aconteceu o desfile. Muitas pessoas que estavam assistindo choraram. Eles nunca tinham reparado na beleza negra. As jovens que participaram também se despertaram para este lado (AMARA, 2021).

Sobre este mesmo evento, Zuri aponta que um objetivo pedagógico do evento foi alcançado:

Particpei de 3 Desfiles da Beleza Negra. Foi importante, que dá pra notar que as meninas se sentiram mais confiantes e valorizadas (ZURI, 2021).

Continua sua reflexão relatando que ocorreu uma transformação dos termos “os negros da boa nova” para os quilombolas. O primeiro representa a discriminação e o

preconceito. O segundo é a forma como as pessoas da comunidade vão conseguindo se autonomear, “virando gente”, ou seja, vindo a ser como sujeitos.

É engraçado, mas aqui tinha a expressão "os negros da boa nova". Depois dos desfiles isso diminuiu. Foi como se nós, da Boa Nova, tivesse "virado gente". Valorizou muito mais a nossa cultura, mostrou que somos unidos e não era aquilo que eles pensavam. A associação veio firmar isso pra muitas pessoas. É a gente se aceitar como você é. Hoje, eu tenho uma consciência de quem sou e depois das redes sociais, ajudo outras pessoas verem que não é defeito ser preto, mostrar as melhores coisas que aconteceu com a gente, não só as coisas negativas (ZURI, 2021).

Entre os objetivos das realizações formativas promovidas pela associação quilombola podemos perceber que estão: o desenvolvimento de consciência crítica a respeito de si e dos outros; superarem o racismo e o preconceito, muitas vezes internalizados pelos próprios participantes:

Eu hoje noto que os jovens da comunidade têm mais consciência de quem são, o que facilita a nossa luta por igualdade. Sinto gratidão. Porque ajudou a formar não só eu, mas outras pessoas que tem coragem de lutar pelo que quer e se aceitarem como são, ter consciência de sua própria essência (ZURI, 2021).

A participante Kieza narra que o primeiro desafio do quilombo foi desconstruir junto aos negros a ideia de que não poderiam desejar, lutar e conquistar dignidade. Pode ser uma questão de avaliar custo-benefício da luta, e também uma baixa autoestima, por acreditarem que não seriam capazes.

Porque nós, os negros, já acostumou tanto que o tanto que tinha já tava bom demais que quando ela começou essa luta e convidava e acreditava, parece que a gente via nos olhos de muitos, e até a atitude da gente era essa também, “não, isso não vai virar nada não. Como poderia?” (KIEZA, 2021).

A participante estabelece um contraponto entre os ensinamentos que recebeu de seu pai, uma educação informal, e a mediação que a Associação Quilombola tem realizado para com os jovens de hoje, ao lado do movimento negro, que tem dimensões regionais, nacionais e internacionais, no sentido de provocar o inconformismo com as injustiças e o engajamento por justiça social.

Agora, essa geração de agora, já tá sendo trabalhado de outra forma: não tá bom de jeito nenhum! Eu mereço mais! Eu posso mais e eu quero mais! Não para ser mais do que o branco, a luta é para dizer que somos humanos, somos dignos de vida, de vida em abundância. É a luta por justiça (KIEZA, 2021).

A fala de Kieza destaca sua percepção sobre como as novas gerações de quilombolas têm se posicionado em relação ao próprio lugar no mundo. Se antes era comum que os negros

e negras se sentissem subalternos, em decorrência de uma internalização da opressão, esta não é mais a configuração hegemônica dentro do quilombo. Ressalta que não é uma luta contra “os brancos”, mas é uma luta por justiça, dignidade, humanidade e vida. Essa força emancipadora que emerge do trabalho coletivo está relacionada ao conceito de empoderamento.

### **O empoderamento como itinerário de libertação**

No processo de análise das entrevistas e construção das unidades de significado, 17 unidades (22,66 % do total) foram correlacionadas ao conceito de empoderamento. Como trata-se de um termo com uso popular, no senso comum, e também enquanto ferramenta conceitual para apreensão de determinadas realidades, discutiremos estas correlações com a ajuda de autores que acreditamos se aproximar da concepção de formação omnilateral ao manejarem seus argumentos sobre o referido conceito.

Freire; Shor (1986) apresentam a ressalva de que a popularização do termo *empowerment* pode passar a ideia errônea de que seja um processo fácil, o que não é. Não se resume a desenvolver um certo nível de independência nas pessoas, pois isso ainda não é suficiente para que sejam efetuadas as transformações políticas radicais necessárias à sociedade brasileira. Outro equívoco a ser enfrentado é a associação entre *empowerment* e noções individuais de progresso, aumento de poder individual, auto realização, auto aperfeiçoamento e subir na vida através do próprio esforço, como alguém que faz tudo por si mesmo, sem depender de outros. Berth (2019) assinala que esta é a ideia liberal de emancipação, que compreende comprar um carro, uma casa, conseguir ocupar altos postos em seu ambiente de trabalho, no qual a pessoa se vê lidando com o poder e usufruindo dele.

Em sentido oposto a estes, Freire; Shor (1986) defendem que não acreditam na auto libertação, mas que a libertação é um ato social. Acrescentam que o conceito de *empowerment* deve sempre estar ligado à classe social:

A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção de poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta (FREIRE e SHOR, 1986, p. 72).

O participante Bomani afirma que houve uma mudança no conjunto das relações sociais dentro da Comunidade Boa Nova, em que os moradores conseguiram ocupar postos de trabalho e funções sociais que não acessavam antes.

Graças a Deus nós conseguimos dar uma estruturada nas nossas vidas, nós estudamos. O pessoal lá já tem um grau de conhecimento que já deu para arrumar alguma coisa. [...] Os pretos, você entende? (BOMANI, 2021).

A expressão “conseguimos dar uma estruturada nas nossas vidas” indica que houve um período em que estas vidas, das pessoas do quilombo Boa Nova, não tinham estrutura, ou seja, algo que pudesse lhes dar sustentação (cultural, econômica, social, política). Dessa forma, eram moldadas conforme as circunstâncias adversas que historicamente oprimem as vidas negras no Brasil e as colocam às margens, tanto dos espaços geográficos das cidades, quanto do acesso à cidadania. Na fala do participante esta estrutura aparece correlacionada à educação e ao reconhecimento da comunidade Boa Nova como um grupo.

Bomani ainda relata que a inclusão dos quilombolas como grupo prioritário no Programa Nacional de Imunização contra a Covid-19 proporcionou como benefício secundário o aumento no número dos associados, na Associação Quilombola Boa Nova.

Foi muito importante pela questão da saúde. E outro lado é que muitas pessoas que era de direito de estar lá e não estava. E hoje aumentou o número de associados. É oportunidade para mais gente participar da Associação (BOMANI, 2021).

Este comentário remete à concepção freiriana de *empowerment*, pois compreende a associação como oportunidade de mobilização social para a defesa de pautas em comum e de resistência ante opressões em comum. Dessa forma, o aumento do número de pessoas engajadas com a comunidade e suas pautas, ao mesmo tempo em que a fortalece enquanto instituição, fortalece quem dela participa, como afirma a participante Dandara:

E quando a gente se percebe e convive com pessoas que também se percebem e se declaram e sabe quem são, a gente ganha uma resistência maior e se sente mais forte para lutar. A gente não fica perdido, você sabe quem você é, de onde você descende, quais foram as lutas de antes, o que eles sofreram, e se orienta para os desafios de hoje (DANDARA, 2021).

Aponta ainda em sua fala como a organização em quilombo restitui a dimensão de historicidade presente na relação oprimido-opressor, o que também fortalece o grupo, orientando-o para o enfrentamento dos desafios contemporâneos. A esse respeito, a participante Dandara exemplifica através de um relato de caso, como o preconceito era vivenciado pelas pessoas da comunidade antes que houvesse a organização em quilombo e

seu aspecto formativo. E como estas experiências foram sendo ressignificadas com a organização em grupo:

Teve uma que me contou que quando ela trabalhava na prefeitura, ela morava na Boa Nova, era negra e tinha uma outra mulher que trabalha junto com ela que era do Campo Limpo e era branca. Essa mulher branca não queria trabalhar junto com ela porque estava com medo dela fazer macumba. Ela me contou querendo chorar. Na época o preconceito era tão grande que as pessoas nem olhavam isso como racismo e discriminação. Eles sofriam, mas era normalizado. Quando havia jogo de bola, eles diziam “ah guardem as coisas que o pessoal da Boa Nova vai roubar”. Hoje a gente tem discernimento do que é, tem nossos direitos, tem a luta contra e com outras pessoas que nos apoiam, nisso a gente se sente mais forte (DANDARA, 2021).

Através da organização do Quilombo Boa Nova o preconceito pôde ser reconhecido e enfrentado. Estes relatos foram sendo ressignificados ao serem compartilhados dentro da estrutura do grupo. Os quilombolas foram sendo capazes de discernir, tomar conhecimento, sobre as formas das opressões que pesam sobre eles, mas por outro lado, dos direitos à cidadania, a constituição de pares e parcerias, o que tem fortalecido o grupo.

Também se destaca na fala de Dandara a ideia de “lutar com”, ou seja, não lutar individualmente, mas em conjunto. Esta dimensão do *empowerment* possui afinidade com o entendimento do conceito de poder proposto por Arendt (2001), para a qual

[...] o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conservasse unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome” (ARENDR, 2001, p 36).

A participante Shaira relata como a Associação despertou sua visão para identificar e se sensibilizar com as dificuldades que são vivenciadas por outras pessoas da comunidade. Em outras palavras, a participante ampliou sua consciência das opressões, desenvolvendo uma percepção de sofrimentos em comum.

A AQBN mudou a minha visão. A gente usa viver o mundo da gente né, e você estando numa associação, você conhece mais a fundo as dificuldades que as outras pessoas enfrentam. Às vezes a gente vê a pessoa e pensa assim que a pessoa está vivendo às mil maravilhas, se a pessoa está passando dificuldade financeira, dificuldade em casa, coisas de mercado (SHAIRA, 2021).

Shaira relata ainda sobre uma conquista para a Associação Quilombola Boa Nova, que através de procedimentos legais e de mobilização popular, conseguiram impedir que a Escola Estadual Boa Nova fosse fechada, por estar situada no território quilombola e atender principalmente estudantes quilombolas.

Mas olha só pra você ver, o exemplo que eu vou te dar da importância da AQB N para a Escola Boa Nova, que iria fechar, já estava com os papéis tudo anexados para fechar [...] E foi através da associação que a escola permaneceu. E nisso outras escolas também acharam viável se cadastrar, portanto o colégio é cadastrado, a escolinha é cadastrada. Tudo na AQB N. Então é muito importante (SHAIRA, 2021).

Esta conquista, sensibilizou o grupo para sua própria força política, que também é uma importante dimensão do conceito de *empowerment*. A conquista do não fechamento da Escola Estadual Boa Nova foi vista no município como uma demonstração de poder, despertando outros quilombolas para a importância da luta conjunta e organizada, conforme relata a participante Luena:

Quer dizer, manter um espaço. A própria luta da Boa Nova, foi uma luta de espaço de poder. Foi um momento importante para a Associação. Eu vejo assim, que existe Associação antes e depois do fechamento da escola. Quer dizer, ela foi vista como uma luta, que na época eles falaram: “não foi só a L., nós também fomos”. Mas o que permaneceu a escola aberta foi o fato dela estar inserida em um território quilombola, na certificação (LUENA, 2021).

A participante afirma ainda que a luta pelo não fechamento da Escola criou oportunidade para que as pessoas pudessem refletir sobre sua própria condição e se identificar ou não, como quilombolas:

Eu vejo assim, que a primeira conquista foi esse abaixo assinado que a gente fez, as pessoas começaram a se identificar, nós fizemos uma ficha de autodefinição que as pessoas precisam assinar para entrar na escola, não sei se eu te mostrei. Eles se declaram participantes ou não da comunidade. Se declarando ou não pertencentes à comunidade. Muitos não quiseram assinar essa ficha. Outros já corriam e falavam eu vim aqui para assinar a ficha. Que era uma legalização para provar que a escola realmente atendia a comunidade. Então nós organizamos essa ficha pra as pessoas assinarem como pertencentes, então já naquele momento indiretamente já foi o fortalecimento da Associação. Então a primeira foi permanecer a escola e lutar para ela não fechar (LUENA, 2021).

Berth (2019) identifica quatro dimensões do processo de empoderamento: Dimensão cognitiva, que diz respeito ao processo de formação escolar e não escolar, em que as pessoas conseguem se inteirar acerca de questões que se relacionam diretamente com a própria realidade; a dimensão da conscientização do papel econômico, do lugar em que a pessoa se insere na engrenagem da economia; dimensão psicológica, haja vista que as opressões sociais fragilizam a saúde mental das pessoas; e conscientização política, que envolve perceber as forças que influenciam no cotidiano, questionando relações de poder. Essas dimensões fazem parte de um processo, que vai do social para o individual e vice-versa. Ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado. E para que o grupo seja empoderado ele precisa da conscientização individual.

Berth (2019) define o empoderamento como a

Condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p.18).

É importante destacar o uso das expressões “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento”, pois todas estão ligadas ao prefixo auto, que neste caso, significa próprio. São construções, conhecimentos e habilidades que surgem a partir de dentro dos próprios grupos minorizados, que não têm acesso a direitos, como forma de resistência às opressões externas e estruturais na sociedade. Dessa forma, o empoderamento pode ser compreendido como um instrumento de luta social para emancipação, através de ações realizadas para enfrentar os efeitos das opressões estruturais mantenedoras das desigualdades.

Em relação a autoaceitação e autovalorização de características culturais e estéticas herdadas pela sua ancestralidade inerente, o Quilombo Boa Nova promoveu eventos de conscientização, com edições anuais e complementares à comemoração ao Dia da Consciência Negra, denominados de Desfile da Beleza Negra. Nestes eventos, eram enfatizados aspectos da cultura e estética afro-brasileira.

Dandara destaca que às vezes até se surpreende com a visibilidade social proporcionada pelo uso das redes sociais para difundir a cultura e a estética negra: “Muitas pessoas já chegaram em mim e falaram: ‘nossa, E. o que você passa no seu cabelo, eu vejo suas fotos no *Facebook!*’ Às vezes eu não sei nem quem é a pessoa, sabe?” (DANDARA, 2021). Neste mesmo sentido, ao se referir sobre a importância dos eventos realizados pelo Quilombo Boa Nova, Luena afirma: “Ixi, é essencial, porque aí deu visibilidade. Uma coisa que eu venho percebendo no movimento negro é isso, é você dar visibilidade àquilo que é quase invisível” (LUENA, 2021).

Luena destaca a importância das ações afirmativas de políticas públicas, bem como as ações formativas realizadas no âmbito do próprio quilombo, para proporcionar que o quilombola se sinta reconhecido, valorizado e capaz de lutar pelos seus próprios direitos.

Eu penso assim, que todo esse movimento da associação incluindo com a escola, né, é um fator muito importante pra fortalecimento das ações afirmativas né, que é justamente esse, que é você se reconhecer, ter o seu dinheiro, como se diz ter seu direito, né, e as ações afirmativas, a primeira ação é: se ver reconhecido e se ver

valorizado. [...] é a autoestima, a autovalorização, presente nos desfiles que a gente faz, nos projetos que a gente faz, sempre na valorização do pertencimento, de você se valorizar mesmo tendo nascido numa comunidade pobre, numa comunidade negra. [...] é você se sentir capaz, essa criança que estuda aqui, ela sentir que ela pode ter as mesmas oportunidades, mesmo que seja pelas cotas e lutar por esse espaço (LUENA, 2021).

Sobre o uso das redes sociais como instrumento permanente de conscientização sobre assuntos relacionados ao Quilombo Boa Nova, Zuri destaca que em relação às críticas sofridas por ocasião dos quilombolas terem sido incluídos como grupo prioritário no Plano Nacional de Imunização contra a Covid-19, destaca que houveram muitos posicionamentos, com argumentos plausíveis e que demonstravam bastante conhecimento de causa, em resposta às perguntas pela legitimidade da vacinação quilombola.

Com a questão da vacina, por exemplo. Ajuda o município como um todo. Apesar de muitas pessoas ficarem criticando. Mas eu não aguentei ficar calada não. Tive que falar que o nosso organismo funciona diferente. Tem a anemia falciforme, que se pegar Covid não tem jeito. Teve muita crítica de pessoas brancas, que não sabiam compreender os motivos. Mas no fim, eu fiquei feliz pela defesa que teve. Todo mundo sabia o porquê estava acontecendo e soube explicar (ZURI, 2021).

Esta fala de Zuri aborda sobre como ela percebe uma sintonia nos discursos dos e das quilombolas, ao argumentarem com embasamento sobre os motivos de terem sido incluídos como grupo prioritário no Plano Nacional de Imunização. Esta congruência nos discursos internos ao grupo o fortalece, pois coloca em evidência objetivos em comum.

### **Considerações Finais**

As Comunidades Remanescentes de Quilombos têm se constituído como grupos de brasileiras e brasileiros que buscam se apropriar de suas trajetórias históricas próprias, muitas vezes ocultadas por narrativas dominantes, que falsamente atribuem subalternidade e papel secundário das negras e negros na história do Brasil. Juntamente com os movimentos negros, estas comunidades se dedicam a combater as injustiças do passado e do presente, através da luta por conquistas e efetivação de direitos, principalmente por meio da educação crítica.

Neste sentido, a educação não formal tem sido um recurso importante nos contextos destas comunidades, se aliando à superação de preconceitos, ao trabalho com elementos de sua cultura, história e identidade, aspectos que promovem resiliência e resistência, diante dos desafios diariamente impostos.

A atuação do Quilombo Boa Nova busca proporcionar oportunidades para o desenvolvimento da consciência crítica e empoderamento dos quilombolas, para que estes possam se consolidar como importantes elementos na luta por justiça social.

No entanto, nota-se, dentro do próprio grupo, resistências a este trabalho. O que sinaliza que ainda existem passos a serem dados no sentido de desmistificar e desconstruir preconceitos em relação ao quilombo. Os eventos formativos desenvolvidos pela Associação Quilombola Boa Nova também encontram dificuldades logísticas para sua efetivação, como a falta de um espaço próprio e escassez de recursos financeiros.

Não temos a aspiração de que o material coletado e analisado possa responder todas as possíveis dúvidas que vierem a ser suscitadas com esta pesquisa. Trabalhamos com conceitos abrangentes, que se aproximam, mas que também se distanciam entre si, e de forma alguma abarcam totalmente a riqueza dos relatos orais aqui apresentados. Acreditamos que estas podem ser úteis para novas reflexões e estudos.

## Referências

AMBROSINI, T. F. Educação e emancipação humana: uma fundamentação filosófica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.47, p.378-391, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640058>. Acesso em 20 fev. 2022.

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm)>

COMISSÃO DA VERDADE SOBRE A ESCRAVIDÃO NEGRA NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, **A verdade sobre a escravidão negra no distrito federal e entorno** (CVN/SBB). Brasília: Sindicato dos Bancários de Brasília, 2017.

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 2013.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

GOHN, M. da G. Educação popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 53–77, 2002. DOI: 10.20396/etd.v4i1.613. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/613>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GOHN, M. da G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, maio-ago. 2004.

GOHN, M. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social [livro eletrônico]: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

GOHN, M. da G. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, II<sup>a</sup> Série, n. 1, p. 35-50, 2014.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. **O capital**. Volume I. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

NARAYAN, D. **Empoderamiento y reducción de la pobreza: libro de consulta**. Coimbra: World Bank, Alfa Ômega, 2002.

NOSELLA, P. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

OLIVEIRA, B. C.; DIAS, C. S. Educação não formal: instrumento de libertação e transformação. **Revista Científica da FHO|UNIARARAS**, v. 5, n. 2, p. 1-9, 2017. Disponível em: [http://www.uniararas.br/revistacientifica/\\_documentos/art.027-2017.pdf](http://www.uniararas.br/revistacientifica/_documentos/art.027-2017.pdf). Acesso em 20 fev. 2022.

PALACIN, L. **O Século do Ouro**, 4 ed. Goiânia, Editora UCG, 1994

PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. (Org.). **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SILVA, M. J. **Quilombos do Brasil Central: séculos XVIII e XIX (1719 - 1888): introdução ao estudo da escravidão**. 1998. 464 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em História,

Goiânia, 1998. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SILVA\\_\\_Martiniano\\_Jos\\_\\_da-1998.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SILVA__Martiniano_Jos__da-1998.pdf).

Acesso em 20 fev. 2022.

SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil** [recurso eletrônico] / Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe [Online]**, v. 11, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/300>. Acesso em 14 fev. 2022.

#### **Autores:**

##### **Elias Paes de Araújo**

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres (ProfEPT - IFES). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). Bacharelado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO). Especialização em Intervenção ABA aplicada ao Transtorno do Espectro do Autismo e Deficiência Intelectual (IPOG). Atualmente é psicólogo na rede municipal de Professor Jamil. Tem experiência em psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica.

Endereço de email: [eliaspaesdy@gmail.com](mailto:eliaspaesdy@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1829-3994>

##### **Wolney Rodrigues Ferreira**

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres (ProfEPT - IFES). Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO). Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Fabec. Atualmente é Gerente de Tutoria Educacional na SEDUC-GO. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em treinamento desportivo.

Endereço de email: [wolney.profept@gmail.com](mailto:wolney.profept@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-2045-7940>

##### **Marco Antônio de Carvalho**

Professor Titular do Instituto Federal Goiano. Possui graduação (1987) e mestrado (1992) em Administração Rural pela Universidade Federal de Lavras. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Conceito CAPES 5). Pós-doutor en el currículu y la formación profesional agrícola en Cataluña del Departamento de Didáctica de las Ciencias Sociales - Facultat de Educaciòn - Universitat Autònoma de Barcelona. Atua no mestrado profissional em educação profissional e tecnológica em temas relacionados à formação profissional, ensino agrícola, educação e mundo do trabalho e gestão educacional. Docente do Mestrado Profissional em Rede em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

Endereço de email: [marco.carvalho@ifgoiano.edu.br](mailto:marco.carvalho@ifgoiano.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-5127-5886>

#### **Como citar o artigo:**

ARAÚJO, E. P.; FERREIRA, W. R.; CARVALHO, M. A. Comunidade Restante de Quilombos Boa Nova del Profesor Jamil, GO: perspectivas sobre formación omnilateral, educación no formal y empoderamiento. **Revista Paradigma**, Maracay, v. 43, Edição Temática 3, p.292-315, sep., 2022.